

Olhar longe: atualização da experiência de conversão pós-pascal dos discípulos nos marginalizados de hoje.

Fabio Raúl Solti¹

Resumo

O interesse pelo estudo da experiência religiosa vem ganhando novas expressões. Entre os fatores que contribuíram para a sua reconfiguração, destacamos: o retorno à reflexão da religião como aliada às diferenças culturais e como sendo uma tendência constitutiva do ser humano para uma nova relação com a Transcendência e com a realidade. Falar em termos de experiência, hoje, se torna um assunto difícil pelo fato de que o conceito pode ser muito abrangente. Mas, além dessa situação concreta, o intrincado do conceito tem a ver com seu uso multidisciplinar. Tanto as ciências tecnológicas como as diferentes áreas curriculares acadêmicas-científicas fazem uso e abuso da ideia em questão. Edward Schillebeeckx (1914-2009) é conhecido como o “teólogo da experiência”. Os estudiosos da teologia, na atualidade, afirmam que ele foi quem melhor contribuiu para esclarecer o conceito de experiência, dinâmica fundante na vida do homem religioso. A noção schillebeeckxiana de experiência é fundamentada em estudos dos filósofos da hermenêutica, da fenomenologia da linguagem, da teoria crítica, da sociologia do conhecimento, para, enfim, trabalhar a experiência religiosa. O teólogo belga recorreu à expressão “imediatez mediada” do místico belga Ruysbroeck (1293-1381) para mostrar que a experiência mística imediata de Deus está relacionada com o experimentar Deus pela via da mediação de nosso limite absoluto. Na fronteira desta comunicação, nossa proposta almeja especular o sentido e os aportes que a concepção schillebeeckxiana de experiência religiosa pode oferecer à compreensão da experiência de Deus que faz o povo simples na atualidade. O itinerário proposto partirá de uma investigação categorial da experiência religiosa a partir do ponto de vista filosófico e, em seguida, os seus possíveis desdobramentos no âmbito teológico que englobam o aspecto cognitivo, mediado e revelatório da experiência para poder chegar, usando este enquadramento, à experiência dos primeiros discípulos, tentando vislumbrar qual foi a sua experiência pós-pascal que fez com que voltassem a seguir a Jesus, mas, agora, confessado como Cristo. Logo, cruzaremos esta experiência com a experiência religiosa que faz o povo mais simples na atualidade, tentando perceber as analogias. Para Schillebeeckx, a experiência religiosa não está proposta a pessoas escolhidas, nem é uma especulação meramente racional, mas tem a ver com um olhar crístico-ético para a realidade, fundado numa experiência densa da misericórdia de Deus que torna as

¹ Fabio Raul Solti Ferrer é jesuíta, argentino, licenciado em medicina, especializado em medicina dos esportes. Atualmente está cursando o bacharelado em Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE, Belo Horizonte, MG) depois de ter cursado Filosofia no Colégio Máximo de São Miguel (Buenos Aires, Argentina). Participa do Grupo de Pesquisa na área de concentração da Teologia Sistemática e Teologia da Práxis Cristã na linha específica que estuda a Interpretação da Tradição Cristã no Horizonte Atual, Espiritualidade Cristã e Pluralismo Cultural e Religioso na FAJE. Atualmente está concluindo uma pesquisa com apoio de uma bolsa de iniciação científica outorgada pela FAJE sobre esta temática. Tem participado em outros congressos. No último Simpósio Internacional da FAJE intitulado “Diálogo inter-religioso e intercultural” apresentou a comunicação, com outro colega, intitulada “O fenômeno migratório e os desafios para o diálogo intercultural: da intolerância à integração”. Contato: fabioraulsolti@gmail.com/ Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0814672647236576>

peças mais humanas. Por esta razão, sustenta o teólogo, toda pessoa, à luz de Cristo, está convidada a fazer experiência d'Ele. Parece que a descrição fenomenológica da experiência religiosa com que trabalha o teólogo colabora para entender o "insight" imediato-mediado da experiência religiosa em geral.

Palavras-chave: transcendência; fenomenologia; experiência; cristologia; humano.

Introdução

A seguinte comunicação surge à raiz da razão da fé que – intuimos – muitas das pessoas mais vulneráveis possuem, apesar das injustiças que elas vivem.

Para tentar aproximar-nos a essa experiência, vamos recorrer à concepção que oferece o teólogo belga Edward Schillebeeckx no que se refere à teologia mística e em seguida à apresentação que ele faz da experiência que tiveram os primeiros apóstolos para voltar a Jesus.

A partir destes dois primeiros pontos, tentaremos fazer uma analogia com a experiência religiosa que têm as vítimas de hoje.

1 A experiência religiosa

Para poder chegar a uma visão angular da concepção de experiência religiosa segundo o autor belga, temos que afirmar, de partida, que a experiência *per se* é resultado de um contato com algo diferente do sujeito experiente. Nesse encontro, é gerado no sujeito um conhecimento e uma reação. Assim, poderíamos dizer, com Barbotin, que a experiência é um contato com um objeto real que produz um conhecimento e move a uma ação (2004, p. 705).

Ora, se esse objeto com o qual o sujeito se encontra é um objeto de fé, temos que, obrigatoriamente, dizer que a experiência é uma experiência religiosa.

Tendo deixado claro a concepção de experiência religiosa, vamos tentar desenvolver o que ela traz de si e o que contém, segundo o que intuimos da fenomenologia da experiência que desenvolve Edward Schillebeeckx.

1.1 A função da cognição na experiência

Para o teólogo belga a experiência advém de nossa capacidade para poder abordar percepções. Isto é, a nossa possibilidade de perceber traz de si uma dialética interna em relação ao pensamento, que consiste numa influência mútua entre percepção e pensamento para sintetizar a experiência. Nesse sentido toda experiência é interpretada (1982, p. 23-24).

Ora, o homem, por ser uma criatura social, está convocado a exprimir sua síntese experiencial. Assim, a experiência volta para a realidade, de onde ela brotou, para fechar sua circularidade (*Ibid.*, p. 24).

1.2 O ambiente na experiência religiosa

Se falamos que a experiência religiosa é suscitada a partir da realidade, temos que alegar, com isso também, que a realidade não padece de certa inocência perante a experiência, pois ao experimentar, identificamos o experimentado e o fazemos submetendo o que experimentamos a matrizes já conhecidas para ver se satisfazem, ou não, as nossas categorias (SCHILLEBEECKX, 1982, p. 24).

A partir disso, podemos inferir que o ambiente onde se suscita a experiência é mediador dela, isto é, a realidade a partir da qual surge a experiência é fruto de outras experiências que foram colocadas performativamente na realidade e que possibilitam hoje que se possa aceder a ela, se faça experiência da mesma e se atualize através da palavra colocada, por sua vez, performativamente, nessa realidade fruto da experiência. Neste sentido temos que dizer que a experiência pode se converter em tradição e a tradição, por sua vez, pode suscitar novas experiências (*Ibid.*, p. 29).

1.3 A revelação lida de um modo intrínseco na experiência religiosa

Se falamos de experiência dentro do foco da religiosidade, estamos dando por entendido que aquele que faz a experiência religiosa é um homem de fé. Segundo Schillebeeckx, o homem religioso tem a possibilidade de encontrar na realidade uma transcendência que tem relação com a experiência humana religiosa dessa realidade, de modo que o conteúdo do que se experimenta faz referência intrínseca àquilo que faz possível tal experiência, mas a realidade à qual assinala a experiência não depende da experiência do sujeito experiente. Neste sentido, se chamamos essa transcendência, referendada na experiência, de revelação, podemos dizer, então, que a revelação é percebida por meio de experiências, isto é, a revelação não é uma interpretação, mas é interpretada (*Ibid.*, p. 42-47).

Ora, se a revelação é percebida na experiência religiosa, a pergunta que se impõe é: como expressar essa intuição experiencial convidada a se dizer? Segundo o autor belga, a possibilidade comunicacional fruto da experiência está baseada em dois pilares: uma tematização simbólico-mística e um movimento ético. Ser cristão implicaria, desse modo, essencialmente “louvar e dar graças a Deus na liturgia (tematização simbólica), mas estas duas expressões carecerão de base e densidade reais senão as acompanha um *ethos* (tematização ética)” de um amor e uma justiça humanas, que ajudem, salvem e libertem ao homem (*Ibid.*, p. 53-54).

1.4 Imediatez mediada

Nos escritos schillebeeckxianos, aos quais acudimos, não encontramos traços explícitos em relação ao lampejo do olhar interior revelador da experiência, mas o autor dá algumas noções que podem nos ajudar a compreender o *insight* experiencial.

Segundo o teólogo belga, a revelação de Deus sempre transcende toda representação que possa ter chegado até nós por uma tradição de experiências, mas precisamos delas para nos aproximar da experiência de fé, embora sempre sejam inadequadas e insuficientes para poder descrever a experiência cognitiva do encontro com Deus (SCHILLEBEECKX, 1995, p. 119.124).

No encontro cognitivo com a realidade de nosso objeto de fé-esperança, temos que falar de uma proximidade amante e envolvente de Deus que abrange tudo. Essa proximidade abarcante de Deus é chamada por Schillebeeckx de imediatez absoluta. Ora, essa imediatez é absoluta de parte de Deus, porém, para nós, é uma imediatez mediada indiretamente co-experimentada na realidade mundana diretamente experimentável (*Ibid.*, p. 119.124).

2 Aplicação do marco schillebeeckiano à experiência dos primeiros discípulos

A pergunta de fundo da cristologia histórica do autor belga está baseada na pergunta acerca de qual foi a experiência que fizeram os primeiros discípulos para voltar a Jesus depois de o terem deixado no momento crucial de sua paixão.

Para Schillebeeckx, o fato da re-união dos “amigos” de Jesus está vinculado a um processo de conversão. Nesse sentido, segundo descreve o autor, a experiência que devem ter tido os discípulos para voltar a Jesus é a experiência da misericórdia d’Ele. Isto é intuído pelo autor ao pensar que a sensação que poderiam ter tido os discípulos perante o calvário de Jesus, ao terem-no abandonado, é a sensação de traição (SCHILLEBEECKX, 2002, p. 352-353).

Se nos remetemos ao Novo Testamento, nele se desvela uma relação superlativa entre a ressurreição e o perdão dos pecados (1Cor 15,17-18; 2Cor 5,18; Rom 4,25b; Lc 24,47; Mt 28,19; Jo 20,22-23; At 5,31; 10,43; 26). É a partir disso que Schillebeeckx pensa a possibilidade da experiência de misericórdia em relação aos discípulos e sua reunião novamente em torno a Jesus: a fé-esperança de que Jesus vivia e estava de um modo novo com eles. A interpretação seria: se eles “experimentam”, na sua conversão, depois de sua desolação por terem abandonado

o Mestre, que Jesus oferece novamente misericórdia (salvação), Jesus deve estar vivo (*Ibid.*, p. 358-362). O Ressuscitado, os faz “ressuscitar”.

Ora, tínhamos descrito, na fenomenologia da experiência, que a experiência está convidada a se expressar com uma tematização simbólico-mística e com uma tematização ético-prática. Nessa sequência, os primeiros discípulos expressam a sua vivência a partir do ponto de vista simbólico místico, segundo o marco da tradição de experiências que tinha chegado até eles historicamente: o modelo que eles utilizam, para expressar simbolicamente a misericórdia de Jesus para com eles, é o modelo de “visão de aparição”. Por outro lado, do ângulo ético-prático, eles expressam a experiência com a ação de se congregar e re-seguir ao Ressuscitado (*Ibid.*, p. 362-367).

3 A experiência cristã dos preferidos do Senhor e sua analogia como a experiência dos primeiros discípulos

No apanhado anterior, tentamos ilustrar sinteticamente a experiência religiosa que tiveram que ter tido os discípulos, segundo Schillebeeckx, para se re-converter e re-unir ao redor de Jesus. Neste último ponto, tentaremos fazer uma descrição da experiência religiosa que move a tantos marginalizados a confessar Jesus, o Cristo, e segui-lo.

A salvação pregada através do anúncio do Reino de Deus e do Deus do Reino, pela qual Jesus deu a sua vida, se converte no mesmo Jesus-Cristo, o Filho do Homem que encontramos, segundo nossa fé, à direita do Pai. Desde aí, nos envia o Espírito Santo para nossa comunicação com Deus e para tentarmos ser cada dia mais humanos nos configurando com Ele na nossa peregrinação para a Jerusalém celeste (SCHILLEBEECKX, 2002. p. 627).

Nessa perspectiva, podemos dizer que a história na qual transcorremos se encontra atravessada por uma promessa que constantemente convida a um atuar litúrgico e ético (*Ibid.*, p. 367).

É nessa história que o povo simples, esse povo marginal que termina muitas vezes no último lugar, geme a Deus e n’Ele encontra esperança. É nas suas afirmações de fé que pode se intuir o pensamento que reza: “se Jesus passou por isso, o mesmo pode acontecer conosco” (*Ibid.*, p. 368). Na experiência de Jesus encontram esperança. A experiência com o ressuscitado os faz ressuscitar e olhar além, olhar longe.

Podemos nos atrever a dizer, a partir do conceito de experiência de Schillebeeckx, que a experiência do “povo de pés no chão” é análoga à experiência que fizeram os apóstolos, mas a experiência de hoje se renova submetendo o “*insight*” experiencial às categorias interpretativas de que dispomos hoje para tentar traduzir a imediatez mediada da experiência religiosa à linguagem contemporânea.

É nessa experiência religiosa que se esconde esse mistério que reza, que enquanto Deus faz tudo para encarnar-se na humanidade, nós, de nossa parte, queremos ultrapassar essa humanidade para admirar o divino (*Ibid.*, p. 628). De onde vem esse anelo, esse desejo que em sua essência nos faz caminhar para o Divino?

Podemos arriscar a dizer que vem do mesmo Deus. Ele se aproximou de nós de maneira humana para que nós pudéssemos encontrá-lo:

No Homem-Deus, Jesus-Cristo se encontra e se patenteou (...) na própria história, o fundamento e a norma daquilo que o homem é. Por conseguinte, o homem (...) foi criado porque Deus (como amor) quis se expressar a si mesmo no Logos para dentro do vazio da criação e porque esta autoexpressão no Logos significa exatamente sua *humanidade*, de sorte que a possibilidade da criação do homem é um momento da possibilidade da livre autoexpressão do Logos, no qual (como fato) toda a humanidade é considerada querida como meio ambiente desta expressão (RAHNER, 1972, p. 16)².

A partir desta afirmação, podemos dizer que se toda a humanidade é considerada querida como meio ambiente da expressão de Deus, essa humanidade é objeto do amor de Deus. Ora, o amor é uma relação, portanto, a humanidade toda é objeto da relação com Deus. Se o homem é objeto dessa relação é porque o homem é *capax Dei*.

Nesse sentido, o destino do ser humano está na possibilidade de se configurar a Cristo pelo Espírito Santo. Desse modo, poderíamos afirmar que o que foi suscitado nos primeiros discípulos é a mesma possibilidade que é suscitada nos discípulos de hoje. Em ambas experiências encontramos uma experiência subjetiva, pessoal, de encontro com Jesus “o Cristo” que move a um reunir-se em *eklesia* e, a partir daí, expressar o Cristo em obras e palavras.

É isso que percebemos nos gemidos de esperança do povo preferido de Deus. Eles experimentam-se salvos (amados e perdoados) e, a partir dessa experiência, capacitam-se para perdoar e amar. Essa procura é de todos, mas é iniciativa d’Aquele que nos amou primeiro.

² Traduzido pelo autor do original em espanhol.

Em outras palavras, é a partir de uma experiência de fé pessoal com a realidade de Cristo que temos a possibilidade de nos abrir a ter uma dimensão comunitária, moral, social e litúrgica da fé. Neste sentido, o homem de fé, a partir de uma experiência com o Ressuscitado, “vive, se move e existe” em Cristo, tomando emprestado Atos 17,28. Cristo tinha uma relação com *Abbá* e uma relação com a comunidade. Seus preferidos o entendem muito bem, olham longe.

Algumas considerações

Se temos em conta a descrição feita, poderemos perceber a complexidade do pensamento de Edward Schillebeeckx no que se refere ao conceito de experiência religiosa. No primeiro ponto deste desenvolvimento, tivemos a possibilidade de nos introduzir ao pensamento original do autor. Ele tenta demonstrar que por trás do encontro com Deus subjazem inúmeras condições que permitem que esse encontro se desenvolva e se expresse.

É a partir de poder descrever a fenomenologia da experiência religiosa que pudemos chegar a intuir, no ponto dois, o *insight* misericordioso que levou à primeira comunidade que seguia Jesus a confessá-lo como Cristo.

Por fim, no terceiro ponto, pudemos perceber como a experiência dos primeiros discípulos, continua se dando nos discípulos de hoje. Deus continua se dando: ontem, aos apóstolos perseguidos; hoje, o intuimos também fortemente no povo marginalizado, sempre, e em definitivo, aos que se dão a oportunidade de conhecê-lo. Ontem, hoje e sempre.

Acreditamos que, com esta aproximação epistemológica da fenomenologia da experiência religiosa, é-nos oferecida a possibilidade de poder encarnar o chamado ao qual estamos todos predestinados: ser capazes de Deus. Estamos habilitados pela graça a poder aceder a ter um encontro com Deus. Acedemos a Ele com o que temos e podemos e o expressamos com o que temos e podemos.

Ora, temos que dizer, junto com tudo isso também, que o homem é *capax Dei*, mas é *capax Dei* através de outros e outros. De outros que partilham a vida hoje com o sujeito da experiência, mas também de outros que lhe possibilitaram falar de Deus e que já não estão. Quer dizer, a experiência se faz em comunidade, se narra em comunidade e se “contagia” em comunidade.

Nesse sentido, poderíamos assegurar que a comunidade torna possível a experiência e a experiência torna possível a comunidade.

Por fim, ressoam as palavras de Metz diante da famosa pergunta de como continuar rezando após Auschwitz. E a sua famosa resposta: “Podemos rezar depois de Auschwitz porque haviam pessoas que rezavam em Auschwitz” (NARBONA, 2016).

Quiçá podemos fazer uma última analogia com este último parágrafo: Como encontrar sentido para o mundo de hoje? E quiçá podemos responder como o fazem os primeiros de Deus: “Podemos encontrar sentido porque há pessoas que encontram sentido em Deus”. É o testemunho que transborda da comunidade de tantos homens e mulheres religiosas de “pés no chão”, aquela que nos ajuda a seguir rezando, a seguir procurando por Deus.

Eles sabem onde colocar os olhos, sabem olhar longe.

Bibliografía

BARBOTIN, Edmond. Experiência. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico De Teologia*. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2004. p. 705-709.

NARBONA, Rafael. *Pensar, rezar, esperar*. El Imparcial, Opinión, 23 de Abril de 2016. Disponível em: <<https://www.elimparcial.es/noticia/164152/opinion/pensar-rezar-esperar.html>>. Acesso em: 30 de jun. 2019.

RAHNER, Karl. A criação. In: *Mysteryum Salutis*, VII/2. 2.A. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Cristo y los cristianos: gracia y liberación*. Madrid: Cristiandad, 1982.

_____. *Los Hombres Relato De Dios*. Salamanca: Sígueme, 1995.

_____. *Jesús la historia de un viviente*. Madrid: Trotta, 2002.